

A interpretação de sonhos na terapia daseinsanalítica – Análise de sonho de uma moça sendo perseguida

Dream interpretation in daseinsanalytic therapy – Analysis of a young woman's dream of being chased

La interpretación de los sueños en la terapia daseinsanalítica – La análisis del sueño de una joven siendo perseguida

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista¹

Resumo

Na terapia daseinsanalítica, desenvolvida por Medard Boss, os sonhos têm um papel central. Apesar disso, têm sido muito pouco discutidos a literatura. O objetivo deste artigo é apresentar a proposta de manejo clínico de fenômenos oníricos na terapia dessa abordagem. Para isso, inicia com os fundamentos da compreensão desses fenômenos, para, em seguida, mostrar a proposta de Boss de uso dos sonhos na terapia. Para ilustrar a discussão, recorre a um sonho relatado por uma paciente nascida e crescida num contexto sócio-histórico de repressão à sexualidade, que, em terapia comigo, narra uma situação em que corria o risco de ser estuprada. É feita uma análise do sonho à luz dos fenômenos que aparecem na clareira de mundo e como ela se comporta em relação a eles. Em seguida, essa análise é utilizada para explorar as orientações de Medard Boss para uso dos sonhos na terapia.

Palavras-chave: Psicoterapia; Daseinsanalyse; Sonhos; Medard Boss.

Abstract

In the daseinsanalytic therapy developed by Medard Boss, dreams play a central role. Despite this, they are very little discussed in literature. The

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9691-6141>. E-mail: pauloeevangelista@gmail.com

objective of this article is to present the proposal for the clinical management of dream phenomena in the therapy of this approach. To do so, it begins with the fundamentals of understanding these phenomena, and then shows Boss's proposal for the use of dreams in therapy. To illustrate the discussion, it uses a dream reported by a patient born and raised in a socio-historical context of sexual repression, who, in therapy with me, narrates a situation in which she was at risk of being raped. An analysis of the dream is made in the light of the phenomena that appear in the world-clearing and how she behaves in relation to them. This analysis is then used to explore Medard Boss's guidelines for the use of dreams in therapy.

Keywords: Psychotherapy; Daseinsanalysis; Dreams; Medard Boss.

Resumen

En la terapia daseinanalítica, desarrollada por Medard Boss, los sueños juegan un papel central. A pesar de esto, son muy poco discutidos en la literatura. El objetivo de este artículo es presentar la propuesta para el manejo clínico de los fenómenos oníricos en la terapia de este enfoque. Para ello, se parte de los fundamentos de la comprensión de estos fenómenos, y luego se muestra la propuesta de Boss para el uso de los sueños en la terapia. Para ilustrar la discusión, utiliza un sueño relatado por una paciente nacida y criada en un contexto socio-histórico de represión de la sexualidad, quien, en terapia conmigo, narra una situación en la que estuvo en riesgo de ser violada. Se hace un análisis del sueño a la luz de los fenómenos que aparecen en el aclaramiento del mundo y cómo se comporta en relación con ellos. Este análisis se utiliza para explorar las pautas de Medard Boss para el uso de los sueños en la terapia.

Palabras clave: Psicoterapia; Daseinsanalyse; Sueños, Medard Boss.

A análise dos sonhos desempenha um papel importante nos processos psicoterápicos. Foi com a análise de sonhos que Freud deu os primeiros passos para o desenvolvimento da teoria e prática psicanalítica. Jung trouxe importantes modificações para a teoria dos sonhos, mantendo sua centralidade no processo psicoterapêutico. Binswanger (2013), influenciado por ambos e por Heidegger, escreveu um artigo sobre o existir onírico que é considerado o marco inicial da Daseinsanalyse. Medard Boss, que é o Daseinsanalista que interessa neste artigo, recebeu influência dos quatro pensadores mencionados. Boss fez sessões de análise didática com Freud, foi orientado por Binswanger na clínica psiquiátrica de Burghözli, onde

fez sua residência em psiquiatria, e frequentou por uma década o círculo íntimo de Jung em Zurique estudando justamente os sonhos (Spiegelberg, 1972; Craig, 1993; Dastur & Cabestan, 2015).

Na Daseinsanalyse de Medard Boss, os sonhos também têm um papel central: são a possibilidade de aproximação na clareira de mundo que cada existência é de entes e possibilidades que ainda não estão podendo aparecer em vigília. Esta concepção está articulada com o entendimento de existência, retirado da filosofia de Heidegger, como *ek-sistência*, ou seja, o *aí*, clareira de mundo aberta e estendida na qual o que é pode mostrar-se. Ou, como a define no seu primeiro livro sobre sonhos, “uma luz emanando do mistério da existência, em cujos raios todas as coisas e seres-companheiros podem aparecer e se desenvolver de acordo com sua própria natureza” (Boss, 1957, p. 119).

A dificuldade para compreender sua proposta de compreensão dos fenômenos oníricos e do modo daseinsanalítico de lida com os sonhos na terapia é aumentado pela escassez de traduções de suas obras para o português. Essa proposta, que visou desenvolver adiante, articula-se perfeitamente com a concepção de terapia daseinsanalítica que ele preconiza, mas também esta é pouco difundida no Brasil. Aqui, Boss é reconhecido apenas como um importante personagem na história da psicologia fenomenológico-existencial. Outra dificuldade advinda deste contexto é a má compreensão de fenomenologia como mera descrição dos aspectos mais visíveis de um ente ou como trabalhar exclusivamente com o relato verbal manifesto pelo paciente. Para Boss, fenomenologia é não recorrer a sistemas hipotéticos para formular deduções sobre as experiências humanas, compreender o sentido do fenômeno à luz do que se mostra e também do que não se mostra, mas está presentificado no mundo aberto do sonhador. Articula-se, ainda, com o sentido de liberdade humana como poder “entrar numa relação com algo de modo a permitir que desenvolva sua peculiar significação” (Boss, 1994, p. 123). Em outro livro, Boss a define como “ser capaz de escolher obedecer o chamado e realizar suas possibilidades de relação e cuidado com aquilo que encontra ou não obedecer esse chamado” (Boss, 1963, p. 67). A meta da terapia é contribuir para a ampliação da liberdade humana, entendendo que o adoecer humano como restrição de liberdade (Boss, 1994).

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar a proposta de manejo clínico de fenômenos oníricos na clínica daseinsanalítica, de acordo com Medard Boss. Para isso, o método adotado é apresentação da compreensão daseinsanalítica de fenômenos oníricos com base na bibliografia desse autor. Em seguida, ilustro o manejo clínico com um sonho relatado a mim por uma paciente, o modo como o utilizei na terapia e como poderia tê-lo feito se tivesse seguido as orientações de Boss. Esta discussão se justifica em razão da importância das análises de sonhos na Daseinsanalyse, além do fato de haver poucas publicações a respeito em português (Santos, 2004; 2008; Milhorim, Casarini & Comin, 2013). Também se espera que possa contribuir para a prática psicoterápica daseinsanalítica.

FENÔMENOS ONÍRICOS NA DASEINSANALYSE

Não era tarefa da ontologia fundamental considerar a experiência onírica, de modo que não há uma linha sequer em *Ser e tempo* sobre esse fenômeno. Mas Heidegger manifesta concordância com a prática da interpretação fenomenológica de sonhos em carta a Boss pouco anterior à publicação do livro *A Análise dos Sonhos* (2/08/1952). Nessa carta, o filósofo escreve:

Como parágrafo final seria conveniente um acréscimo que apenas intensifica o que o senhor já diz e que atravessa a obra toda: não dar uma explicação causal e derivação dos sonhos, mas fazer falar primeiramente os próprios sonhos naquilo que eles dizem e comunicam em seu conteúdo de mundo; os sonhos, não como um sintoma e consequência de algo que está por trás, mas os próprios sonhos em seu mostrar e *somente* nele. Somente *com isto* começa o questionamento de sua essência (Heidegger & Boss, 2009, p. 286).

O método fenomenológico exige a suspensão de teorias e hipóteses com a intenção de deixar que se mostrem por si mesmos os fenômenos tais como são. No campo da psicoterapia, isso implica suspender as teorias psicológicas sobre 1) os significados do que se apresenta nos sonhos; 2) sobre a origem dos sonhos. Implica, portanto, abdicar da interpretação dos entes que aparecem nos sonhos como representações ou símbolos de outros entes.

Boss oferece muitos exemplos de diferenças nas interpretações psicanalítica e daseinsanalítica e de como aquelas deturpam os fenômenos no seu mostrar-se diretamente, obrigando-os a corresponder à teoria interpretativa. No caso Dora, por exemplo, Freud (1905/2016), faz ver nos sintomas da paciente a repressão da excitação sexual sentida na ocasião e no atual amor por um amigo de seu pai. Quando ela começa a vir às sessões carregando uma bolsinha, interpreta que é uma representação dos genitais.

Para Boss, a interpretação de sonhos à luz da abordagem teórica do analista revela o quanto este influencia seu paciente. Ou seja, é muito comum que “... as ‘associações livres’ de pacientes em análise freudiana regularmente levam a desejos instintivos, ao passo que pacientes junguianos são levados a estruturas arquetípicas e mandalas” (Boss, 1979, p. 46). A análise fenomenológica, por sua vez, exige estrita atenção ao que se mostra tal como se mostra, o que, para o daseinsanalista, não estaria ocorrendo quando uma bolsinha era interpretada como um órgão genital feminino.

A análise fenomenológica também exige que se suspendam supostas explicações para as origens dos sonhos. Eles não são produtos do inconsciente, isto é, enviados por um produtor/diretor com a intenção de tornar manifestos conteúdos barrados na consciência, a fim de diminuir a tensão causada pela repressão (Boss, 1985). Não são mero epifenômeno causado pela atividade cerebral nos momentos de sono REM, nem resquício da evolução animal, nem resquícios de percepções do cotidiano em vigília. Todos esses modelos hipotéticos propõem a causa dos sonhos, mas não atentam para os sonhos eles mesmos, isto é, para a existência onírica.

Sonhar deve ser considerado uma maneira peculiar de realizar seu primário estar no mundo. Nesse sentido, o estar sonhando se costura com o estar desperto, compondo a existência histórica. O mundo onírico é um *aí* em que entes se mostram significativamente e a existência responde, comportando-se. A análise fenomenológica exige a descrição fiel do que aparece no mundo do sonhador e como ele reage.

A diferença entre o estar desperto e estar sonhando se dá em termos de como o que vem ao encontro no interior do mundo onírico se apresenta. Sonhando, a existência fica restrita a estar perceptivelmente com o que se apresenta no tempo presente. Ou seja, os fenômenos aparecem

sensorialmente e agimos e reagimos em relação ao que imediatamente se mostra. Desperta, a existência dispõe de liberdade para deixar que se aproximem ou afastar presenças presentes sensorialmente, recordadas e imaginadas. Pode, então, perguntar pelo significado do que apareceu em sonho, sobre a história desses modos de aparecer, sobre seus próprios modos de ação em relação ao que se apresenta etc. Em vigília, a existência pode percorrer o presente, o passado e o futuro. Pode relacionar-se consigo mesma, isto é, refletir e perguntar-se o que suas experiências revelam sobre si mesma (Boss, 1979).

Por exemplo, a um homem solteiro, receoso de aproximar-se de mulheres, que sonhou que via mulheres mulheres muito longe e, no sonho, desesperadamente buscava binóculos, Boss (1985) diz:

Uma vasta distancia o separa das mulheres. Por outro lado, é uma planície um local plano, sem possibilidade de subida ou descida. Em seu universo onírico o único desnível que permite uma ascensão está para além das mulheres que você divisou à distância; é a colina que ali se elevava. (...) Ainda que a planície do mundo onirico de nosso solteiro de trinta e quatro anos indique uma parada momentânea no seu amadurecimento, o sonho releva já um grande progresso do sonhador em relação a sonhos anteriores (p. 7)

No sonho, o sonhador está restrito à aparição à distância das mulheres e sua única ação é procurar um instrumento que as aproximaria visualmente. Desperto, na terapia, pode se perguntar sobre por que as mulheres só suporta as mulheres à distância, por que não se aproxima etc.

MANEJO DO SONHO NA TERAPIA DE UMA PACIENTE

Para demonstrar as possibilidades de uso da interpretação de sonhos na terapia daseinsanalítica, recorro a um sonho relatado por uma paciente minha no início de minha prática clínica, no início dos anos 2000. A título de cuidados éticos, foi seguida a Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, ocultar dados que pudessem identificar a paciente envolvida (CNS, 2016). Também foram seguidos os quatro elementos propostos por Dallazen, Giacobone, Macedo e Kupermann (2012) para ética em pesquisa psicanalítica, a saber: 1) que nenhum dado

pode identificar o paciente, 2) que a psicoterapia já foi encerrada há mais de uma década, de modo que a pesquisa não altera em nada seu curso, 3) trata-se de uma técnica psicoterapêutica consagrada, e 4) é pesquisa pós-fato, baseada em meu registro de memória após a sessão, retomado agora, muitos anos depois, para ilustração do método daseinsanalítico de interpretação de sonhos. Considerando as propostas de Gabbard (conforme resumidas em Stajner-Popovic, 2001) – profundo disfarce (*thick disguise*), consentimento do paciente, abordagem processual, uso de composição e colega como autor – neste artigo sigo a primeira. São apresentados poucos dados biográficos e esses estão modificados a fim de impedir a identificação da paciente.

Angélica (nome fictício) era uma moça de 28 anos que me procurou se queixando de nervosismo e muitos medos. Era uma das filhas mais novas dentre 12 numa família pobre no sertão nordestino. Aos 20 anos, migrou para São Paulo, sendo a primeira mulher de sua família a tentar a sorte por lá. Seus pais a avisavam desde a infância sobre o perigoso destino de mulheres solteiras em São Paulo: engravidar ou contrair doenças sexualmente transmissíveis. Pouco depois de sua chegada, veio uma irmã e compraram financiado um apartamento num conjunto habitacional.

Só saía de casa para ir ao trabalho, uma pequena empresa de uma tia. Não passeava por medo de aglomeração e, principalmente, dos homens. Não tinha amigos nem amigas. Fechava as janelas de casa e deixava poucas luzes acesas para que ninguém no prédio percebesse que moravam duas moças sozinhas no apartamento.

Desde que chegara em São Paulo não tivera um namorado, pois, segundo ela, não tinha como saber suas intenções; muitos homens eram “mulherengos” e não queriam nada sério. Na sua terra natal, tivera um namorado, um primo com quem quisera se casar. Beijaram-se uma vez. Como não tinha perspectiva de trabalho em sua terra natal, terminaram o namoro e ela foi para São Paulo.

Era virgem, o que contribuía para sua preocupação em encontrar o que ela chamava de “homem certo”, isto é, alguém que fosse confiável, a tomasse em casamento e nunca a traísse. Ela queria se casar. Para isso,

precisava conhecer um “homem bom”. Seu temor era de se entregar a um homem que ela julgasse que a amava e, de repente, ele passasse a maltratá-la. Guardava sua virgindade para ele.

Ela se sentia diferente por ser virgem aos 30 anos. Estava certa de que ninguém acreditaria que uma moça de sua idade ainda seria virgem e atribuía a isso sua dificuldade para fazer amigas, pois todas as mulheres com quem poderia conversar já tinham tido relações sexuais e ela não. Ela não contava a ninguém que era virgem, mas evitava rodas de conversa supondo que, inevitavelmente, os assuntos relacionamento e sexo viriam à tona.

Ou seja, é possível afirmar, com base nesta caracterização dos valores de Angélica e que foram-lhe passados por sua família e seu meio social desde a infância, que se trata de modos de compreensão da mulher de caráter heteronormativo, machista e misógino, que submetem a mulher à divisão estereotipada entre mulher para casar, recatada, virgem, “esposa subserviente, mãe amorosa e filha dócil” (Bergoffen, 2020, p. 121) e a mulher desviada. Este contexto de compreensão de modos de ser masculinos e femininos tem sido chamado de “cultura do estupro” (Griffin, 1975; Sousa, 2017).

Angélica, tendo nascido e crescido num contexto social que lida com as mulheres dessa maneira, lida consigo com base nessa compreensão implícita sobre o que é ser mulher. Ambas os modos de ser mulher veiculados pela cultura são modos impessoais de ser (Heidegger, 2002), restringindo suas possibilidades existenciais a estereótipos da mulher recatada, esposa protegida de um marido, ou desviada. Para ela, participante deste mundo compartilhado (cultura), os homens seriam ou esposos protetores ou violentadores. O difícil e sofrível é saber como diferenciá-los antes de se relacionar com eles.

Vinha à terapia após o trabalho, sempre arrumada, com roupas simples, cabelo bem preso num rabo de cavalo. Usava óculos com armação grossa, preta. Era pequena; baixa e magra. Fazia as sessões deitada no divã, conforme orientação minha.

Tinha uma vida onírica rica. O sonho a seguir veio-lhe no início do terceiro ano de terapia. Ela já estava mais disposta a sair e enfrentar o mundo para conhecer alguém, mas agora sua irmã recusava-lhe a companhia por também ter medo. Contou no início da sessão:

Sonhei que eu estava numa estação de trem, mas tinha uma banda tocando, então era também algum tipo de festa ou baile. Eu estava com algumas conhecidas, não lembro quem. Eu tinha oculista marcado para o dia seguinte e eu carregava comigo o dinheiro para comprar óculos. De repente, comecei a fugir, pois homens queriam me roubar, roubar o dinheiro que eu carregava. Era desse dinheiro que os homens estavam atrás, não sei como eles sabiam. Então eu fugia de onde eu estava, primeiro para um matagal. A rua estava cheia de homens mal-encarados. Os homens me perseguiam. Do matagal, eu fugi para um trem. E dentro do trem, que também estava cheio de homens mal-encarados, enquanto eu fugia, um homem sem camisa entrou na minha frente e me disse que se eu não desse o dinheiro, teria estupro. Acordei assustada e esperei o dia clarear para ter certeza de que era um sonho.

Boss (1979) propõe dois passos na análise daseinsanalítica dos sonhos. Indica ele: 1) “devemos notar a quais fenômenos o Da-sein do sonhador está aberto durante o sonho e como esses fenômenos o afetam” (p. 46); 2) “precisamos examinar a resposta do sonhador àquilo que se lhe revela, como ele se conduz em relação ao que vê” (p. 46). Isto implica levar em consideração a terapia como processo histórico de ampliação da liberdade para deixar serem entes na plenitude de suas possibilidades na clareira de mundo que a existência é tanto em vigília quanto sonhando. Assim, deve-se recorrer ao modo como os entes aparecem na clareira de mundo do paciente. Mesmo quando aparecem na lonjura, entes aproximam-se, des-distanciam-se.

No sonho de Angélica, cabe examinar o que aparece nesse mundo – homens, matagal, dinheiro para óculos, estação de trem, trem – e como ela se comporta em relação a eles. Tal análise se beneficia de uma atenção à tonalidade afetiva do sonho. Boss explica que este “estado de ânimo que determina as características, estreiteza ou amplidão, do campo perceptivo que a existência é capaz de manter aberto e *como* qual ‘existe’ naquele momento” (p. 56).

Quando se encontra no mundo onírico, Angélica descobre-se numa estação de trem urbano ampla e arejada. Mas, como toda estação de trem, ela tem o potencial para encher de pessoas. Angélica está numa festa com amigos na estação de trem, há uma banda tocando. Compreende-se que

Angélica está, pelo menos em sonho, aberta à proximidade de pessoas amigáveis, a que pessoas se apresentem amigavelmente e à situação de leveza e prazer característica de festas.

Mas o clima leve, descontraído e festivo rapidamente cede lugar a uma afinação de ameaça. Da amplidão da festa, sua atenção passa a focar na sua bolsa, onde guardava dinheiro para novos óculos. Angélica carregava algo valioso consigo, o dinheiro suado adquirido pelo trabalho, que pretendia usar no dia seguinte para comprar novos óculos.

Aqui aparecem dois entes importantes para a análise do sonho: a bolsa e o dinheiro para os óculos. Óculos são para enxergar com mais nitidez o mundo, possibilitando melhor perscrutação, locomoção, apreciação, intervenção. Como sintetiza Critelli (1996, p. 44), “melhorar a visão do mundo é uma maneira de se habitá-lo e de se poder alterar continuamente a forma e a direção dessa habitação”. Nesse sentido, Angélica carrega consigo a promessa de amanhã enxergar melhor o mundo e, talvez, se mover melhor nele. Nesse sentido, é um sonho em que Angélica cuida de um futuro melhor para si mesma. Do ponto de vista da psicoterapia e da vida, isso é bom.

A bolsa é onde ficam seus pertences, reunidos e transportados com facilidade à tira colo e inacessíveis aos olhos dos outros. Para enxergar nela a genitália feminina, como propôs Freud (1905/2016) no caso Dora, o analista teria que executar “estrênuas acrobacias mentais”, tal como Boss (1994, p. xiii) se referia às interpretações baseadas no constructo especulativo metapsicológico. A bolsa guarda objetos íntimos. Resguarda-os do olhar alheio, protege-os de mãos alheias. Os conteúdos da bolsa têm algo de secreto, portanto. Angélica carrega dinheiro para óculos na sua bolsa, mas esse segredo está exposto aos homens ao redor.

A mudança na afinação do sonho do festivo para o temor e ameaça acontece concomitante ao aparecimento da bolsa e dos valores nela guardados. Angélica descobre-se temerosa por carregar algo que sabem que ela carrega e querem tirar dela: dinheiro para óculos que, por sua vez, indicam o poder ver o mundo e mover-se nele com maior clareza e, quiçá, liberdade.

À luz da metapsicologia seria rápida a interpretação de que o que estava em jogo no sonho era o órgão genital de Angélica. Cair nessa interpretação seria trair a primeira regra fundamental da análise

fenomenológica: ver as coisas tal qual se mostram. Dinheiro é para comprar óculos. Óculos são para enxergar. A bolsa é para guardar dinheiro. Mas isso não significa que não possa haver fenômenos sensuais ou sexuais nesse sonho.

Sob a atmosfera do temor, os homens aparecem no sonho unicamente sob o signo do poderio masculino que se manifesta como desejo instintivo sexual e da força para fazer valer seu desejo. Isto é, na afinação temerosa, Angélica os homens aparecem como potenciais estupradores, afins a “controle, dominação, insensibilidade, competitividade, raiva e agressão” (Campos et al., 2017, p. 986), tal como lhe foram apresentados os homens (e os modos correspondentes de ser mulher) desde sua infância. Aparecem como aqueles que a cercam, restringem sua mobilidade e que ameaçam tirar dela o dinheiro para comprar óculos para ver e mover-se melhor.

Serem ameaçadores é uma possibilidade dos homens, mas não é exclusividade deles, dado que também mulheres podem ser. Na cultura de Angélica – na nossa “cultura do estupro” (Griffin, 1975; Sousa, 2017; Campos et al., 2017; Bergoffen, 2020) – o poderio masculino é exercido de variadas formas implícitas e explícitas de violências contra as mulheres; dentre elas, o estupro. Embora a relação de poder do homem sobre a mulher seja hegemônica em nossa sociedade, a violência não é, necessariamente, o único modo possível de relação homem-mulher. Nesse sentido, ocorre no sonho de Angélica que ela se mostra restrita na possibilidade de deixar homens serem mais do que vilões. Assim, priva-se das possibilidades inerentes de ser com eles; serem amigos, namorados, parceiros sexuais.

Em análise de um sonho semelhante, Boss (1994, p. 267) propõe que para a sua paciente “somente homens que fossem perigosos poderiam ter permissão para entrar e aparecer na abertura perceptiva de seu mundo onírico”. Penetrando na clareira como ameaçadores, as possibilidades de relações mais amigáveis e amorosas com homens ficam ocultas. A tonalidade afetiva contribui para isso, favorecendo algumas aparições e dificultando outras, determinando o quão “estreita, distorcida ou fechada pode estar a abertura perceptiva” da existência (Boss, 1994). Mas o fato de aparecerem homens em seu mundo onírico sinaliza que podem se aproximar. Se não fosse assim, este sonho não estaria cheio de “homens mal-encarados”. Teria

ruas e estação de trem povoadas somente por objetos ou mesmo vazias. Não é o caso. Angélica está aberta para os homens, mas limitada quanto a como eles podem aparecer e ser e ela, com eles.

Como lidar com os sonhos na terapia daseinsanalítica? A primeira orientação de Boss (1979) é uma advertência: “a aplicação terapêutica não deve ser confundida com a compreensão fenomenológica dos elementos oníricos na totalidade da sua significação” (p. 40). Nem sempre a compreensão que o terapeuta tem dos modos de ser em sonho e despertos corresponde àquela que o próprio paciente tem de si mesmo. Assim, o terapeuta precisa considerar o momento da terapia e a qualidade da relação terapêutica. Também precisa zelar para não forçar suas interpretações ao paciente e para ser o mais fiel possível ao que o sonho revela.

É principalmente no livro *Na Noite Passada Eu Sonhei...* que Boss orienta o uso dos sonhos na terapia. São indicações: 1) interrogar o paciente acerca do que, desperto, entende do sonho; 2) narrar ao paciente o sonho; 3) o analista esclarecer aspectos do sonho; 4) perguntar se identifica relações entre seus modos de ser no sonho e em vigília. Esses quatro caminhos possíveis comportam matizes. Fundamental é que qualquer intervenção do terapeuta seja formulada como pergunta, não como afirmação, a fim de zelar pela possibilidade de o paciente discordar (Boss, 1979).

Interrogada acerca do que entendia do sonho, Angélica respondeu que sentia muito medo do que poderia acontecer em festas, por isso saía pouco. Seu medo de ir a festas não oculta que elas sejam ocasiões descontraídas, de lazer e prazer. Se não fossem assim, Angélica não poderia desejar participar delas, recusando em razão do medo que sente do que (também) pode acontecer nelas. Saía de casa somente para o trabalho e, ocasionalmente, para visitar uma parente. Ou seja, para ela, desperta, o que se evidencia em primeiro plano no sonho é a festa e seu desdobramento. Mais especificamente, o sonho confirma aquilo que pensa sobre as festas. Subentende-se em sua fala que os homens nas festas são perigosos, conforme ela falava em outras sessões. Caberia, na sequência, explorar com ela o que entende do trem, dos óculos, dos homens, mas não fiz isso nessa sessão.

Sobre estes últimos, os homens, falávamos frequentemente. Mas perdi a oportunidade de explorar com ela os homens tais como apareceram neste sonho, como ladrões perigosos que sabem o que ela carrega na bolsa, que sabem que ela guarda um segredo, que a encurralam sem camisa e a obrigam a tomar uma difícil decisão. Seria muito importante fazer isso a partir desse sonho. Quando relevei a exploração, eu estava contando com a significação já dada nas sessões anteriores sobre como são os homens para Angélica, o que, retomado agora, pode ser considerado um passo pouco fenomenológico.

Outra intervenção possível seria narrar de volta o sonho à sonhadora. Segundo Boss (1979, p. 52), o objetivo disto é “eliciar os entes reais conforme estes aparecem ao sonhador, e a clarificar o comportamento deste em relação a eles”. Caberia contar a ela que estava numa festa na estação de trem, mas logo se preocupou com o dinheiro guardado na bolsa para comprar óculos novos no dia seguinte. Então, começou a fugir de homens vilões que estavam em toda parte e não encontrou segurança em lugar nenhum. Descobriu-se diante de um homem sem camisa que lhe enuncia duas opções: entregar o dinheiro para os óculos ou “teria estupro”. O modo como a ameaça é formulada retém uma ambiguidade quanto a ser ela a estuprada. Por outro lado, quanto mais tentou fugir, mais se aproximou e deixou que se aproximassem homens, vindo a sustentar a proximidade de um homem sem camisa num recinto pequeno. Que compreensões teriam emergido de escutar esse enredo de não poder aproveitar a festa e fugir constantemente, sem encontrar segurança?

É mister esclarecer que os fenômenos que aparecem na clareira de mundo onírica da paciente não são produzidos por um inconsciente nem articulados por um desejo que dirija o enredo do sonho. Isto é, ela não deseja inconscientemente essa situação. Outrossim, o fenômeno do homem potencial estuprador se impõe por estar arraigado na existência de Angélica enquanto único modo possível de ser. No mundo onírico, ficamos limitados a estar com a presença imediata sensorial dos fenômenos (Boss, 1975/1979). É somente no mundo em vigília que conseguimos, dada maior liberdade que no mundo onírico, explorar outras perspectivas sobre os fenômenos. Ou seja, enquanto, no sonho, uma única significação se impõe, desperta, a

existência pode se perguntar por que é assim, o que isso tem a ver com sua vida etc. Poderia, somente em vigília, tematizar a cultura na qual nasceu e cresceu e como a atualiza em sua existência.

Outro caminho possível de intervenção é esclarecer à paciente elementos do sonho para além do que lhe foi possível compreender. É importante lembrar de fazer isso de modo a permitir discordância, formulando como pergunta o entendimento proposto. – “Os homens só podem ser ameaçadores, Angélica?” – “Para que servirão os novos óculos, Angélica?” Será que há coisas ou pessoas que você não consegue ver bem, Angélica, e que novos óculos permitirão enxergar?” – “Será que as festas sempre levam à violência?” – “Será que fugir das festas e dos homens é o único jeito de se proteger?” etc. Talvez fosse possível ir um pouco além, perguntando a ela: “Até quando verá as relações com pessoas do sexo oposto como perigosas?”. Também seria possível uma pergunta mais encorajadora: “Não te parece interessante que tenha sustentado a proximidade de um homem sem camisa e ainda tenha retido alguma liberdade para escolher o que aconteceria? Estas proposições todas vão além da simples interpretação descritiva do sonho. Isso se dá, pois a experiência vivida no mundo onírico é inserida no processo histórico de ampliação de liberdade para deixar serem os entes, que é o objetivo da terapia. É importante lembrar que, para Boss, a pergunta fundamental na terapia é “por que não?”, que visa desvelar, para superar, as restrições.

O quarto caminho proposto por Boss (1979) é de, após esclarecer os detalhes do sonho e compartilhar com o paciente sua compreensão, perguntar se identifica relações entre seus modos de ser no sonho e na vigília. Para o daseinsanalista, essa é a pergunta principal: “se, estando desperto e mais lúcido, não começa a perceber em si aspectos análogos aos que caracterizam o mundo exterior material de seus sonhos”¹⁶. Ele recomenda cuidado com esta intervenção, sobretudo quando se anunciam mundos catastróficos, prestes a explodirem ou se desfazerem, sugerindo que a existência do paciente está prestes a seguir o mesmo caminho já antevisto no sonho². Assim, seria possível perguntar a ela se percebe a si

2 Neste caso, cabe ao terapeuta zelar pela relação terapêutica, oferecendo suporte ao paciente,

mesma na vida desperta aprisionando-se cada vez mais, apesar de julgar-se fugindo, como faz no sonho. Ou se só se permite encontrar homens como perigosos, violentadores, motivando que os evite, como ocorre no sonho. Ou se sua visão não está limitada a percebê-los assim, de modo a estar precisando de óculos novos para enxergar os homens e os relacionamentos sob outros aspectos. Estará enxergando os homens somente de acordo com o que sua família lhe disse que eles são? Também seria possível perguntar se percebia que estava deixando os homens se aproximarem mais de si do que anteriormente.

O caminho que eu percorri na sessão foi este quarto, convidando uma relação entre o sonho e a vigília. Ressaltei o momento conclusivo do sonho: ou ela entregava a ele algo valioso e importante que ela estava guardando ou ele tomaria dela algo valioso e importante que ela estava guardando. Explicitava o terrível dilema que ela vivia: guardar-se, protegendo-se como que para sempre dos homens, ao preço de não se relacionar, não namorar, ou correr o risco de se envolver e se machucar. Aludia, sem o dizer, à entrega do dinheiro ou da virgindade guardada ao futuro marido, “homem certo”, “bom”. Em jogo, na sua existência, estava sua liberdade para descobrir seus modos próprios de relacionar-se com homens e ser mulher ou permanecer refém dos ditames impessoais que legam dois estereótipos antagônicos às mulheres. Nesse sentido, é importante frisar que o manejo clínico do sonho o insere no processo histórico da terapia e da existência da paciente.

Em resposta a essa intervenção, ela concordou que um dos seus maiores medos é o de perder a virgindade num estupro. Penso que ela tem razão nesse medo, pois nosso mundo estimula o poderio masculino e subjuga as mulheres a viverem amedrontadas, aguardando um homem “bom” e poderoso que as proteja dos demais (Griffin, 1975). Essa restrição na liberdade de ser e estar com os homens está posta em seu sonho e em sua vida desperta, cerceando suas possibilidades desejadas de relacionar-se amorosa e sexualmente com um homem. Em seguida, ela concluiu que tem querido sair para conhecer pessoas, mas tem medo de ir sozinha e sua

até que esteja capaz de colocar em questão seus modos atuais de existir (Boss, 1979). Não era o caso de Angélica.

irmã recusa os convites para acompanhá-la. Ou seja, apropriava-se de sua liberdade para ir ao encontro dos homens no mundo. Na terapia, ficava claro que transformava esse medo em precauções, como estar sempre acompanhada de sua irmã. Entretanto, ainda assim não haveria garantias de que consumaria uma relação amorosa nem que estaria a salvo do potencial violento dos homens. Guardar-se, entretanto, mantinha-a devendo a si mesma a realização de possibilidades. A saída de sua indecisão só poderia acontecer na direção de uma decisão de viver, ainda que perigosamente, no encontro com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Medard Boss tenha publicado dois livros sobre sonhos e vários artigos, suas orientações quanto a como trabalhar os sonhos encontram-se dispersos nesse material. Ele preconiza que a análise dos sonhos deve ser fenomenológica, ou seja, atenta ao que se mostra e como o sonhador reage no sonho a isso. Defende, ainda, que o sentido do sonho seja encontrado nele mesmo, não nas associações feitas em vigília após o relato do sonho. Nesse posicionamento, Boss tinha em mente tanto o abandono dos fenômenos oníricos como meros resquícios do dia ou subprodutos do cérebro, quanto as análises freudiana e junguiana, que encontravam símbolos sexuais ou arquetípicos nos sonhos, o que, para ele, era forçá-los a encaixarem-se na teoria psicológica. Ainda assim, a análise fenomenológica não significa a mera descrição rasa do que aparece no sonho. Essa descrição corresponderia à própria vivência onírica, que fica restrita à aparição sensorial dos fenômenos. A existência desperta consegue desdobrar significados dos fenômenos, articulando-os com outros aspectos já experienciados, com significados culturais e com a história acontecencial da existência. Assim, ao relatar um sonho na terapia, os fenômenos oníricos devem ser considerados como entes que podem se aproximar da existência, clamando lugar na clareira de mundo, convocando a existência a, a partir de sua liberdade ontológica, corresponder ou recusar o chamado para essas possibilidades.

Cabe a cada daseinsanalista considerar o momento da terapia, a situação do paciente e da relação terapêutica para lançar mão de algum destes caminhos delineados por Medard Boss em sua obra.

REFERÊNCIAS

- Bergoffen, D. (2020). The eternal feminine. In: Weiss, G., Murphy, A. V., Salamon, G. *50 Concepts for a Critical Phenomenology*. Illinois: Northwestern University Press, p.121-126.
- Binswanger L. (2013). *Sonho e existência - Escritos sobre Fenomenologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Boss, M. (1957). *The analysis of dreams*. London: Rider.
- Boss, M. (1963). *Psychoanalysis & Daseinsanalysis*. (L. Lefebvre, trad.). new York / London: Basic Books.
- Boss, M. (1979). *Na Noite Passada Eu Sonhei...* São Paulo: Summus; 1979.
- Boss, M. (1985). Sonhar e psicoterapia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 6, p. 5-20. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Boss, M. (1994). *Existential Foundations of Medicine & Psychology*. New Jersey/London: James Aronson Inc.
- Campos, C. H., Machado, L. Z., Nunes, J. K., Silva, A. R. (2017). Cultura do estupro ou cultura antiestupro?. *Revista Direito GV*, 13(3), 981–1006. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201738>
- Craig E. (1993). Remembering Medard Boss. *The Humanistic Psychologist*, 21(3), p. 258-276. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080.08873267.1993.9976923>
- Conselho Nacional de Saúde – CNS (2016). *Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/revistas-cns/92-comissoes/conep/normativas-conep/644-instancia-chs-conep#:~:text=A%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNS%20n%C2%BA%20510%2F2016%20disp%C3%B5e%20normas%20aplic%C3%A1veis,maiores%20do%20que%20os%20existentes%20na%20vida%20cotidiana>. Acessado em 21 mai. 2024.

- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC / Brasiliense.
- Dallazen, L., Giacobone, R. V., Macedo, M. M. K. & Kupermann, D. (2012). Sobre a ética em pesquisa na psicanálise. *Psico*, 43(1). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11098>
- Dastur F, Cabestan P. (2015). *Daseinsanalyse: Fenomenologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Freud, S. (1905/2016). Análise fragmentária de uma histeria. (O Caso Dóra). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (Obras Completas, v. 6). 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. Pp. 173-320.
- Griffin, S. (1975) Rape: The All-American Crime. In: Freeman, J. (Ed.). *Women: A Feminist Perspective*. California: Mayfield Publishing Company.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Heidegger, M. & Boss, M. (2009). *Seminários De Zollikon. Protocolos. Diálogos. Cartas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Holzhey-Kunz, A. (2018). Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Milhorim, T. K., Casarini, K. A. & Comin, F. S. (2013). Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. *Revista da SPAGESP*, 14(1), p. 79-95. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100009&lng=pt&tlng=pt
- Santos, G.A. O. (2008). Realizando o imaginário: da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar. *Psicologia em Revista*, 14(1), p. 235-250. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100013&lng=pt&tlng=pt

- Santos, Í. P. (2004). Fenomenologia do onírico: A gestalt-terapia e a daseinsanálise. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(1), p. 36-43. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100005>.
- Sousa, R. F. (2017). Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 9–29. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>
- Spiegelberg H. (1972). *Phenomenology in psychology and psychiatry: a historical introduction*. Illinois: Northwestern University Press.
- Stajner-Popovic T. (2001). ‘Disguise or consent: Problems and recommendations concerning the publication and presentation of clinical material’ by Glen O. Gabbard and the editorial by David Tuckett. *The International Journal of Psychoanalysis*, 82(2), 415-424. DOI: <https://doi.org/10.1516/JX3R-Y29Y-7CKV-JQ6N>

Recebido em 16/01/2023

Aceito em 15/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.